



As tecnologias digitais no ensino e aprendizagem de línguas Vol. 20, nº 1, 2016

Contribuindo com o estado da arte sobre Recursos Educacionais Abertos para o ensino e a aprendizagem de línguas no Brasil

Alan Ricardo Costa (UCPel/CAPES)
Vanessa Ribas Fialho (UFMS/UCPel)
André Firpo Beviláqua (UCPel/CAPES)
Wilson José Leffa (UCPel/CNPq)

RESUMO: O objetivo do estudo é investigar o estado da arte dos Recursos Educacionais Abertos (REA) no Brasil, de modo a contemplar e dar maior visibilidade às publicações acadêmicas (artigos, dissertações e teses) que se relacionam com o campo da Linguística Aplicada e abarcam o uso dos REA no ensino de línguas. Com o aporte teórico de estudos sobre Educação Aberta (EA), empregamos metodologias de busca no Banco de Teses da CAPES, em periódicos da área de Letras/Linguística e na internet. Os resultados indicam a necessidade de maior fomento de publicações de estudos sobre experiências de uso de REA no ensino de línguas.

Palavras-chave: Recursos Educacionais Abertos; Linguística Aplicada; Estado da arte.

Introdução

Pesquisas de estado da arte, já bastante consagradas em âmbito universitário, contribuem com o mapeamento bibliográfico e com o estabelecimento de cronogramas de investigação em diferentes campos do conhecimento. Este cerne das supracitadas pesquisas justifica *per se* sua afirmação metodológica entre grupos de investigadores: o estado da arte torna possível responder quais aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares e de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos (FERREIRA, 2002).

No campo da Linguística Aplicada não tem sido diferente. O estabelecimento de panoramas gerais e agendas de investigações, de diferentes temas e subtemas, tem sido foco de investigação de diversos pesquisadores da área da Linguística Aplicada na última década (REIS, 2008; KUMARAVADIVELU, 2006). Para a área de Ensino de Línguas Mediado por Computador (ou CALL, sigla correspondente à *Computer Assisted Language Learning*) ou

Ensino de Línguas Mediado por Aparelhos Móveis (MALL, *Mobile Assisted Language Learning*), sobre os quais nos deteremos mais especificamente, estudos de estado da arte têm se mostrado fundamentais. É a partir do planejamento de agendas de investigação que se pode fazer frente às demandas emergentes, sobretudo àquelas com as quais têm que lidar pesquisadores que se ocupam de investigações sobre web, Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e temas afins.

Dentre alguns desses tópicos em ascensão na academia estão os Recursos Educacionais Abertos (doravante REA), ou *Open Educational Resources* (OER). Os REA são, em síntese, materiais de ensino e de aprendizagem em quaisquer suportes (digitais ou outros) que se situem em domínio público ou divulgados sob licença aberta, que permita acesso, uso, adaptação e (re)distribuição de forma gratuita por terceiros, mediante nenhuma (ou quase nenhuma) restrição. Assim como outras tecnologias emergentes, os REA podem contribuir de maneira significativa com a área de Linguística Aplicada, de forma geral, e com o ensino e a aprendizagem de línguas, de modo específico. Para tanto, se faz necessária a averiguação do estado da arte no que concerne ao referido tema.

Nesse viés, o objetivo da presente investigação é contribuir com os estudos de estado da arte sobre REA no Brasil (SANTOS, 2013), mas com o intento de expandir tais estudos de modo a abranger especificamente a situação inerente ao campo da Linguística Aplicada, a partir de um levantamento bibliográfico da área. Os objetivos específicos da pesquisa incluem: (a) mapear dissertações de mestrado e teses de doutorado e, dentre estas, identificar as que partem da e/ou destinam-se à área da Linguística Aplicada; (b) investigar, em periódicos brasileiros *online* de Linguística Aplicada, a incidência de artigos que tratem sobre REA; e (c) localizar, por meio de ferramentas de busca na internet, publicações acadêmicas referentes à REA relacionáveis ao ensino de línguas.

1. Educação Aberta e REA para o ensino¹ de línguas

Nesta seção, discutiremos o conceito de REA, que se encontra inserido dentro de um movimento maior denominado Educação Aberta (EA). Discorreremos também sobre a abordagem dos REA no ensino de línguas por parte de professores.

Nas palavras de Santos (2013, p.21), o termo *Open Educational Resources* foi criado inicialmente no *Forum on the Impact of Open Course Ware for Higher Education in Developing Countries*, evento promovido pela UNESCO² no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), no ano de 2002. Foi a partir da cunhagem deste termo e, de forma simbólica, desta data histórica, que se aprofundaram as discussões sobre EA. Não significa, contudo, que a EA se restrinja ao entendimento de REA.

O movimento para uma EA, segundo Amiel (2012, p.18) “é uma tentativa de buscar alternativas sustentáveis para algumas das barreiras evidentes no que tange ao direito de uma

¹ Não temos por finalidade discutir os conceitos de “ensino” e de “aprendizagem”. Embora acreditemos que a expressão “ensino-aprendizagem” não constitua um binômio perfeito – pois em contextos educacionais é possível ter ensino sem ter aprendizagem, ou o contrário, ou ambos os processos concomitantes, ou nenhum deles –, trataremos aqui resumidamente ensino e aprendizagem quase como sinônimos. A escolha por enfatizar e empregar “ensino”, em lugar de “aprendizagem”, contudo, se dá em função do escopo da pesquisa: temos interesse maior no uso de REA enquanto recursos, ferramentas de mediação do trabalho docente do professor de línguas. A escolha por “aprendizagem” talvez enfatizasse muito mais o papel do estudante ou aprendente, ou, ainda, de ações como cursos gratuitos abertos, que por serem voltados à formação continuada de professores de língua, poderiam ser mais relacionadas à “aprendizagem” do docente.

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Para mais informações, visite a página “Educação Aberta”, inaugurada em 2011 e disponível em <<http://educacaoaberta.org/>>.

educação de qualidade”. Barreiras inúmeras que, em um espectro maior, representam um acesso limitado à escola e materiais escolares e, por conseguinte, à educação de modo geral. Nas palavras do autor, a EA se caracteriza por:

Fomentar (ou ter a disposição) por meio de práticas, recursos e ambientes abertos, variadas configurações de ensino e aprendizagem, mesmo quando essas aparentam redundância, reconhecendo a pluralidade de contextos e as possibilidades educacionais para o aprendizado ao longo da vida (AMIEL, 2012, p.19).

Vale destacar que o conceito de "abertura" não necessariamente depende de desenvolvimentos tecnológicos, pois antecede a popularização de dispositivos digitais e da internet. Entretanto, a referida abertura pode ser fortalecida e otimizada por novas mídias. E é na esteira desta perspectiva que temos os REA, que podem ou não ser digitais. Retornando uma vez mais às definições da UNESCO, constatamos que REA são:

materiais de ensino, aprendizagem e investigação em quaisquer suportes, digitais ou outros, que se situem no domínio público ou que tenham sido divulgados sob licença aberta que permite acesso, uso, adaptação e redistribuição gratuitos por terceiros, mediante nenhuma restrição ou poucas restrições. O licenciamento aberto é construído no âmbito da estrutura existente dos direitos de propriedade intelectual, tais como se encontram definidos por convenções internacionais pertinentes, e respeita a autoria da obra (UNESCO, 2012).

É comum, portanto, em paralelo às pesquisas que tratem de EA em níveis mais amplos – econômicos, geográficos e políticos (e.g. AMIEL, 2012) –, termos trabalhos que se debruçam especificamente sobre a produção e disponibilização de REA em um ambiente virtual. Neste meio, um REA pode ser reusado, readaptado, remixado e redistribuído (HILTON *et al.*, 2010) de forma mais rápida, gratuita e a partir de alguns cliques.

Para além da potencialização das aberturas dos REA que o meio digital proporciona, é importante considerar também o uso dos referidos recursos especificamente para o ensino de línguas e Línguas Estrangeiras (doravante LE). Afinal, como bem sinaliza Marzari (2014), com o advento das novas tecnologias, o ensino de LE tem sido repensado e, na medida do possível, transformado.

Outros recursos, principalmente em versões digitais, pensados para a educação de forma ampla, já foram debatidos especificamente na perspectiva do ensino e da aprendizagem de línguas. É o caso dos Objetos de Aprendizagem (OA)³, entendidos como recursos digitais com fins educacionais (WILEY, 2000; LEFFA, 2006). Os debates sobre o conceito e a utilização de OA por professores possibilitou, posteriormente, a proposta do conceito de Objetos de Aprendizagem de Línguas (OAL). De acordo com Vetromille-Castro *et al.* (2012), um OAL é um recurso digital com fins educacionais desenvolvido com base em um suporte teórico específico para o ensino de línguas: o Ensino Comunicativo de Línguas (*Communicative Language Teaching*, CLT). À vista disso, um OAL é desenvolvido e utilizado a partir de

³ Como bem ressalva Santos (2013), os REA são frequentemente chamados de “objetos de aprendizagem”, termo criado por Wayne Hodgins, em 1994, para definir um pequeno componente instrucional que pode ser reutilizado em diferentes contextos de aprendizagem (WILEY, 2000). Cabe salientar, no entanto, que um OA se configurará de fato como um REA em função de seus níveis de abertura: gratuidade, licença de uso e reprodução, facilidade de reutilização, remixagem, entre inúmeros outros aspectos pertinentes.

pressupostos teóricos específicos da Linguística Aplicada, ancorado teoricamente no CLT, que é próprio da área.

Ainda assim, trabalhos sobre OA não foram esgotados, e continuam presentes na academia. Ao invés de um reducionismo disciplinar, ou uma fragmentação do conhecimento, podemos pensar em uma expansão das discussões: os OA continuaram em pauta, e os OAL acrescentaram tópicos mais específicos à área da Linguística Aplicada. Tanto os OA quanto os OAL - em melhores palavras, o geral e o específico - continuam em debate, contribuindo com os e trazendo mais trabalho aos que se ocupam de estudá-los. É o que se pretende, aqui, ao deliberarmos sobre os REA próprios para o ensino de línguas.

Inclusive porque concordamos com Marzari (2014, p.84), não só no que tange à necessidade de “considerarmos a presença cada vez mais expressiva dos REA, dentre outras possibilidades existentes, no processo de construção do conhecimento”. Concordamos também com a importância da influência atual dos REA e da EA no processo de aprender línguas, partindo do pressuposto de que, por serem abertos, tais recursos podem ser empregados para fins de aprendizagem por quem tenha interesse em aprender uma língua e, além disso, podem ser adaptados para fins de ensino por professores que tenham interesse em ensinar línguas e LE, tendo em vista a sua própria realidade e as atuais demandas de ensino (MARZARI, 2014).

2. Estado da arte

Nesta seção, referenciaremos trabalhos de estado da arte relevantes para a pesquisa a qual nos propomos. Primeiramente, apresentaremos pesquisas de estado da arte sobre REA no Brasil. Posteriormente, citaremos alguns exemplos de pesquisas de estado da arte dos OA na Linguística Aplicada.

2.1. Pesquisas de estado da arte sobre REA

É imprescindível destacar, na literatura da área, o trabalho de Andreia Inamorato dos Santos. Pesquisadora consultora nas áreas de REA, EA e tecnologia educacional, Santos consta como um nome de grande contribuição ao estado da arte de REA no Brasil a partir de dois trabalhos recentes (SANTOS, 2011; 2013).

O primeiro destes trabalhos, intitulado *Open Educational Resources in Brazil: State of the Art, Challenges and Prospects for Development and Innovation*, foi publicado em Moscou, em 2011, a partir de um relatório produzido para a UNESCO IITE (*Institute for Information Technologies in Education*). Segundo Dendev Badarch, diretor da UNESCO IITE, tal estudo contém uma visão geral do cenário educacional brasileiro, da política nacional de educação e das estratégias de uso de TIC na educação. A autora apresenta alguns repositórios de conteúdo digital aberto, com ênfase nas situações de direitos autorais, e reflete sobre vários exemplos de projetos bem-sucedidos de REA internacionais que envolveram parceiros brasileiros.

O segundo trabalho (SANTOS, 2013) é uma tradução do primeiro, mas com o texto adaptado ao cenário brasileiro. A autora explica que a tradução da obra original

tem o objetivo de contribuir para registrar parte da história do desenvolvimento dos REA no Brasil, e também o de ajudar a consolidar a importância do tema no país, permitindo uma maior compreensão da trajetória dos REA no contexto nacional e a

disseminação e discussão de alguns conceitos e práticas da área encontrados nas iniciativas apresentadas (SANTOS, 2013, p.7).

O relatório apresentado à UNESCO e publicado originalmente em inglês, ao ser trazido para a língua portuguesa, apresentou a necessidade de discussão de tópicos educacionais pertinentes exclusivamente ao cenário educacional nacional, como o Plano Nacional de Educação (PNE) e a abordagem sistêmica da educação, no país, adotada pelo Ministério da Educação (SANTOS, 2013). Assim, a tarefa de demonstrar o estado da arte dos REA e prover futuras recomendações “configurou-se em um espaço mais amplo, no qual tão importante como mostrar o que existia de REA no Brasil na ocasião era apresentar uma contextualização dessas iniciativas e práticas no âmbito do discurso educacional nacional” (SANTOS, 2013, p.7).

Para além da própria Santos, com o esboço do estado da arte geral de REA no Brasil, nossas leituras prévias permitem acrescentar à lista de nomes recorrentes no campo de estudos de REA mais alguns autores, dos quais se destacam Litto (2006) e Amiel (2012). Frederic Michael Litto foi fundador da Escola do Futuro⁴, unidade da Universidade de São Paulo (USP) dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de projetos que buscam estudar a aplicação da tecnologia para fins educacionais. Litto se destaca na área como um dos primeiros autores a tratar de REA e EA no Brasil. Tel Amiel⁵, pesquisador do Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIED) na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), é uma referência em estudos sobre fluência tecnológica e sua relação com o ciclo de produção de REA, em contextos de EA. Amiel se destaca, sobretudo, em função de sua obra recente sobre o tema.

2.2. Pesquisas de estado da arte no campo da Linguística Aplicada

A questão do porquê averiguar o estado da arte em Linguística Aplicada não é supérflua ou desnecessária se entendermos a Linguística Aplicada como campo inter/transdisciplinar, abrangente, em constante expansão de estudos sociais e perspectivas epistemológicas pós-modernas. Nesta concepção mais contemporânea, o estabelecimento de agendas e panoramas bibliográficos é fundamental para sabermos os percursos já trilhados e os caminhos ainda a desbravar. Este é o ponto de vista adotado por Paiva, Silva e Gomes (2009), na publicação “Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos”, artigo bastante conhecido e referenciado justamente por apresentar um extenso e amplo panorama de investigações desenvolvidas na área.

Na pesquisa em questão (PAIVA, SILVA e GOMES, 2009), os autores recorrem a 12 periódicos de Linguística Aplicada – 7 internacionais e 5 nacionais – para o levantamento dos temas, das teorias e dos métodos mais recorrentes no campo. Foram privilegiados os artigos nacionais e internacionais dos últimos 10 anos (no caso, de 1996 a 2006), e os resultados dessa investigação indicam a emergência e a consolidação de eixos como a Análise do Discurso (AD) e os estudos de letramentos, entre outros. Mas, acima disso, a pesquisa indica que a LA pode comportar vasta variedade de temas e subtemas, sendo, cada um desses, passível de ter seu próprio estado da arte, seus percursos históricos e suas demandas futuras.

Entre esses eixos, deve-se mencionar o trabalho de Reis (2008), que enfoca o estado da arte das tendências teóricas em estudos de CALL no Brasil. Tendo por objetivo identificar as

⁴ Para mais informações, ver <<http://futuro.usp.br/portal/Content.ef?node=institucional>>.

⁵ Coordenador da comunidade Educação Aberta (disponível em <<http://educacaoaberta.org/>>) e co-coordenador de projetos de intercâmbio bi-nacionais focados em tecnologia, educação e cultura (CAPES/FIPSE) e colaborador da Catedra UNESCO de Multilinguismo e Produção de Conteúdo no Mundo Digital (UNICAMP).

teorias que têm norteado as diferentes fases de pesquisas em ensino de línguas mediado por computador no país, através de artigos, dissertações e teses da área, Reis (2008) aponta que os estudos em CALL têm sido orientados por quatro teorias, a saber: a Teoria Sociocultural, os estudos de gêneros, a Teoria da Atividade e a Teoria da Complexidade.

Ainda no rol de trabalhos sobre o estado da arte que servem como base para a pesquisa aqui apresentada, destacamos as publicações recentes oriundas de investigações do grupo de pesquisa *Internet e Ensino de E/LE*⁶ (sigla para Espanhol como Língua Estrangeira). Entre essas publicações, Gomes *et al.* (2012) enfocam o estado da arte de OA para o ensino e a aprendizagem de línguas em teses e dissertações do Banco de Teses da Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Posteriormente, com o lançamento do conceito de OAL (VETROMILLE-CASTRO *et al.*, 2012), o escopo passou a ser mais específico, mas ainda considerando os OA que, mesmo não embasados nos princípios teóricos de CLT, estivessem voltados para a aprendizagem de línguas. Em outro trabalho do grupo (FIALHO, COSTA e BEVILÁQUA, 2014), temos um estudo investigativo sobre pesquisas relacionadas aos OA e OAL em anais de eventos no Brasil. Esse estudo mostra um número pouco expressivo de objetos para o ensino e a aprendizagem de línguas, mas permitiam notar tendência a um crescimento, ainda que gradual, do tema dentro da Linguística Aplicada.

É com o respaldo dessas e de outras pesquisas sobre o estado da arte na área da Linguística Aplicada que agora focamos no mapeamento bibliográfico e no estabelecimento de agendas de investigação e disseminação de iniciativas de REA para o ensino de línguas.

3. Metodologia, resultados e discussões

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo é o levantamento do estado da arte sobre REA na área de Letras/Linguística. Para Ferreira (2002), o estado da arte (ou “estado do conhecimento”), possui caráter bibliográfico e de levantamento e avaliação do conhecimento sobre determinado tema. Para a autora, pesquisadores que optam por estudos de estado da arte, em geral, são sustentados e movidos “pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito” (FERREIRA, 2002, p.259).

A metodologia adotada nesta investigação é referente ao mapeamento de trabalhos que tratam de REA voltados a contribuições no campo da Linguística Aplicada e, mais especificamente, do ensino de línguas. Interessa-nos, em particular, o contexto nacional.

Delimitamos três procedimentos metodológicos de averiguação do estado da arte e que se relacionam aos objetivos deste trabalho: (1) mapeamento de dissertações e teses sobre o tema; (2) investigação de publicações em periódicos da área de Letras/Linguística Aplicada, e (3) localização de trabalhos e publicações *online* sobre REA para o ensino de línguas por meio de ferramentas de busca. Os aspectos metodológicos pertinentes a cada um desses procedimentos são detalhados a seguir, juntamente aos resultados e às respectivas discussões.

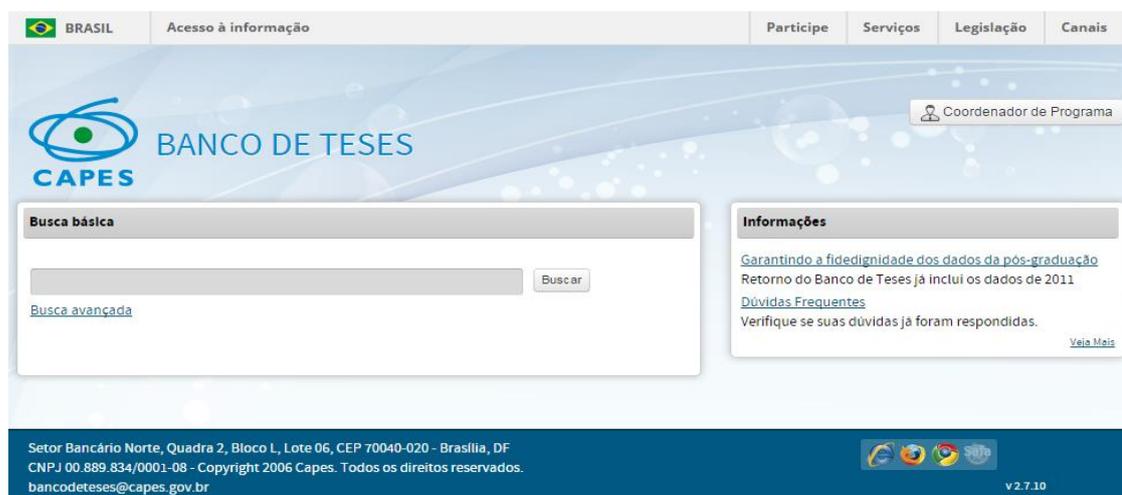
3.1. Dissertações e teses

No primeiro procedimento de pesquisa, temos como corpus do trabalho investigações na forma de dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Como ferramenta de busca para

⁶ Grupo de pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

este corpus específico, empregamos o Banco de Teses⁷ da CAPES. Lima e Lima-Neto (2009, p.50) argumentam que o Banco de Teses da CAPES cumpre “papel relevante no desenvolvimento, na expansão e na consolidação da pesquisa em todo o Brasil, sendo órgão máximo no que diz respeito à avaliação da pós-graduação *stricto sensu*”. A delimitação de um estado da arte sobre determinado tema a partir do mapeamento e posterior análise de dissertações e teses do Banco de Teses da CAPES (Figura 1) já foi empregada como metodologia das pesquisas de Lima e Lima-Neto (2009), Gomes *et al.* (2012) e Pinto (2015), entre outros. Nesse sentido, tais pesquisadores corroboram por nossa escolha de procedimento metodológico.

Figura 1 – Ferramenta de busca do Banco de Teses da CAPES.



Fonte: <<http://capesdw.capes.gov.br/>>.

As palavras-chave empregadas na busca foram: *Recursos Educacionais Abertos*, “*Recursos Educacionais Abertos*”, *Recursos Educativos Abiertos*, *Open Educational Resources*, *Educação Aberta*, “*Educação Aberta*”, *Educación Abierta*, *Open Education*, “*REA*”. O uso de aspas foi utilizado em função dos apontamentos de Paiva (2008) sobre o refinamento do ato de buscar por meio de programas e ferramentas de busca. Ao colocar um sintagma entre aspas, a busca reduz os resultados que indicam o uso daquele sintagma em sequência ininterrupta. Assim “podemos ter a certeza de que essas palavras vão aparecer juntas em pelo menos uma ocorrência em cada uma dessas páginas” (PAIVA, 2008, p.13).

As buscas foram realizadas ao longo do mês de abril de 2015. Como procedimento metodológico complementar, analisamos (a) o título, (b) o resumo, e (c) as palavras-chave das dissertações e teses mapeadas, para estudo da contribuição à área de ensino de línguas.

Foi localizado um total de 28 trabalhos, sendo 23 dissertações de mestrado e 5 teses de doutorado. Os resultados detalhados da busca, separados pelas palavras-chave empregadas, são apresentados na Tabela 1.

⁷ Disponível em <<http://capesdw.capes.gov.br/>>. Acesso em junho de 2015.

Tabela 1 – Resultados de buscas no Banco de Teses da CAPES.

Busca	Expressão/Palavra-chave buscada	Resultados
1 ^a	Recursos Educacionais Abertos	9
2 ^a	“Recursos Educacionais Abertos”	4
3 ^a	<i>Recursos Educativos Abiertos</i>	-
4 ^a	<i>Open Educational Resources</i>	-
5 ^a	Educação Aberta	Mais de 250 resultados
6 ^a	“Educação Aberta”	10
7 ^a	<i>Educación Abierta</i>	-
8 ^a	<i>Open Education</i>	2
9 ^a	“REA”	4

Fonte: Autores.

Atualmente, o Banco de Teses encontra-se em processo de atualização⁸ e, por conseguinte, apenas as publicações de 2011 e 2012 estão disponíveis, o que explica o número reduzido de pesquisas localizadas. Ainda assim, optamos por continuar com as pesquisas para, na sequência, fazer uso de algumas complementações procedimentais apresentadas mais adiante.

As buscas por *Recursos Educativos Abiertos*, *Open Educational Resources* e *Educación Abierta*, como se esperava, não apresentaram resultados, em função de o Banco de Teses da CAPES contar com um arsenal de trabalhos majoritariamente escritos em português e publicados no país. A maioria das dissertações e teses foi localizada por mais de uma palavra-chave buscada, o que fez com que muitos dos trabalhos estivessem repetidos.

Dentre os 28 trabalhos mapeados, com base na análise dos títulos, resumos e palavras-chave, é possível notar que apenas 3 publicações estão relacionadas ao ensino de línguas. A primeira delas, intitulada “Livro didático de língua portuguesa: dizeres dos professores” (CAVÉQUIA, 2011), é oriunda da Universidade Estadual de Londrina, Paraná. A segunda, “Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de Língua Brasileira de Sinais para ouvintes” (NEVES, 2011), é oriunda Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo. Ainda que ambas estejam relacionadas ao ensino e a aprendizagem de línguas, chama a atenção que são pesquisas que partem de Programas de Pós-Graduação em Educação.

A terceira publicação, proveniente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina, é mais voltada à área da AD de linha francesa. O estudo de Hinckel (2011) enfoca o discurso e a materialização do sujeito leitor aprendente no projeto *OpenLearn* da *Open University*, e não propriamente o uso ou a contribuição de REA no ensino e na aprendizagem de línguas.

Para compensar a ausência de teses e dissertações de outros anos, aos quais não temos acesso por hora, recorreremos ao currículo Lattes das autoras e das professoras orientadoras destes 3 trabalhos mapeados, a fim de averiguar se de alguma forma os grupos de pesquisas e/ou os programas de pós-graduações possuem linhas ou grupos de pesquisa que se relacionem à temática REA e EA. Os resultados mostraram que apenas uma das autoras possui uma relação

⁸ Em nota disponível no site, a CAPES elucida que, como forma de garantir a consistência das informações, a equipe responsável está realizando uma análise dos dados informados e identificando registros que por algum motivo não foram informados de forma completa à época de coleta dos dados. Assim, em um primeiro momento, apenas os trabalhos defendidos em 2012 e 2011 estão disponíveis. Para maiores informações, visite a página <<http://bancodeteses.capes.gov.br/noticia/view/id/1>>.

indireta com a temática REA no sentido de já ter trabalhado com OA – que, conforme adverte Santos (2013), possuem relação com os REA, mas não necessariamente são licenciados ou abertos, o que não condiz com as demandas e políticas públicas atuais de compartilhamento e colaboração em rede. No geral, as dissertações aparentam ter focos específicos nos temas gerais de que tratam: livro didático, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e AD de linha francesa. As demais produções bibliográficas das autoras indicam que, possivelmente, a temática REA/EA é ignorada, secundária ou apenas ornamental nas pesquisas realizadas e suas respectivas publicações.

A procura por produções e trabalhos no Lattes das professoras orientadoras justificou-se pela tentativa de localizar outros(as) orientandos(as) que já pudessem ter trabalhado com REA de alguma maneira. Novamente, nossas buscas não foram exitosas: com a utilização de atalhos de procuras em páginas *online*, orientadas pelo radical “abert” (das palavras “abertura”, Educação “Aberta”, etc.), constatamos que as professoras orientadoras das dissertações mencionadas não trabalham com REA ou orientam investigações que os abarquem.

3.2. Artigos sobre REA publicados em periódicos da área de Linguística Aplicada

Neste segundo procedimento metodológico específico, recorreremos aos periódicos acadêmicos da área de Linguística Aplicada, onde poderíamos encontrar artigos publicados que abordassem a temática REA. Delimitamos que, em vista de um estado da arte do cenário nacional, consideraríamos apenas as revistas de Linguística Aplicada publicadas no Brasil e em português. Todos os periódicos selecionados apresentam classificação de estrato A1 na área de Letras/Linguística, atribuída pela CAPES.

Também consideramos no recorte metodológico que nossa investigação recairia sobre periódicos cujo acervo estivesse disponível para consulta *online*. Os periódicos selecionados e investigados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Periódicos acadêmicos consultados na pesquisa.

Nº	Nome do periódico	ISSN
1	ABRALIN (Curitiba)	0102-7158
2	Alfa: Revista de Linguística (UNESP. <i>Online</i>)	1981-5794
3	Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)	0102-5767
4	DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada	1678-460X
5	Gragoatá (UFF)	1413-9073
6	Letras de Hoje (<i>Online</i>)	1984-7726
7	Linguagem em (Dis)curso (<i>Online</i>)	1982-4017
8	Revista Brasileira de Linguística Aplicada	1984-6398
9	Revista da ANPOLL ⁹ (<i>Online</i>)	1982-7830
10	Revista de Estudos da Linguagem	2237-2083
11	Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP)	0103-1813

Fonte: Autores.

As buscas nos periódicos selecionados foram realizadas ao longo do mês de setembro de 2015. Considerando que o escopo é o estado da arte atual do tema, e tendo como base o trabalho de Litto (2006), pioneiro no que diz respeito à abordagem dos REA no Brasil,

⁹ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

investigamos nos referidos periódicos as publicações posteriores ao ano de 2006. Novamente, buscamos analisar previamente: (a) o título, (b) o resumo, e (c) as palavras-chave dos artigos localizados.

Não encontramos ocorrências no acervo *online* das revistas que respondessem às palavras-chave empregadas: “Recursos Educacionais Abertos”, “Recurso Educacional Aberto” ou “REA”. Mesmo em edições recentes, lançadas no final de 2014 ou já em 2015, não obtivemos resultados que nos permitissem avaliações.

Para início de levantamento, fizemos uma varredura nos títulos dos trabalhos de todos os periódicos que contivessem as palavras-chave anteriormente informadas. Como não encontramos qualquer título que relacionasse “Recursos Educacionais Abertos”, “Recurso Educacional Aberto” ou “REA”, fizemos uma busca apenas pela palavra “recurso” que, novamente, não nos devolveu um resultado positivo. Dessa forma, sequer olhamos para o resumo e as palavras-chave, pois não localizamos qualquer artigo que justificasse a continuidade da busca.

Apesar de não termos encontrado resultados de publicações em revistas de Letras/Linguística com estrato A1 do Qualis da CAPES, obtivemos números elevados de publicações localizadas por meio do terceiro procedimento metodológico, a ser apresentado a seguir. Em tal procedimento metodológico – buscas realizadas via Google Acadêmico – mapeamos um número de resultados que nos permite interpretar que muitas das publicações sobre o tema REA se encontram em periódicos de outros extratos ou em anais de eventos, principalmente aqueles relacionados ao ensino de línguas e tecnologias.

3.3. Busca por publicações *online* no Google Acadêmico

Nesta terceira etapa de pesquisa, recorremos às ferramentas de busca *online* que, em conformidade com Paiva (2008), podem receber denominações variadas: buscadores, sistemas de busca, mecanismos de busca, motores de busca ou procura, sites de busca, programas de busca, serviços de busca e outras. “Esses sistemas possuem um mecanismo (robô) que localiza os sites, analisa e armazena, ou indexa, informações em forma de cópias ou réplicas formando um banco de dados das páginas da web” (PAIVA, 2008, p.3). Dentre as atuais opções de buscadores, elegemos o Google como instrumento de coleta de dados, tendo em vista os apontamentos de Paiva (2008) de este ser: (a) o sistema de buscas mais famoso, (b) o favorito entre os usuários da internet, (c) aquele que possui um vasto banco de dados em vários formatos, tais como *HTML*, *PDF*, *Word*, *Excel* e *Power Point*, (d) aquele que apresenta o maior número de resultados, e (e) aquele capaz de localizar textos, imagens, animações, vídeos e sons. A considerar o escopo da pesquisa, foi empregado o *Google Scholar* (em português, Google Acadêmico¹⁰), uma ferramenta de delimitação do Google, que redireciona a busca para textos acadêmicos (PAIVA, 2008).

As palavras-chave empregadas na busca foram: (1) “*Recursos Educacionais Abertos*” *língua*; e (2) “*Recurso Educacional Aberto*” *línguas*. Novamente, utilizamos as aspas para aprimoramento de buscas mais avançadas, com base em Paiva (2008). As buscas foram realizadas ao longo do mês de setembro de 2015.

Na busca pela expressão “*Recursos Educacionais Abertos*” *língua*, obtivemos como resposta do buscador aproximadamente 353 resultados. Na busca por “*Recursos Educacionais Abertos*” *línguas* o número foi um pouco maior: aproximadamente 381 resultados. Como nas duas buscas os resultados apontados pela ferramenta de busca eram praticamente os mesmos, não fizemos distinções entre os termos procurados e os resultados localizados.

¹⁰ Disponível em <<https://scholar.google.com.br/>>.

Os resultados obtidos, é importante sublinhar, são os mais produtivos dentre os obtidos nos procedimentos metodológicos selecionados para a pesquisa. Tais resultados permitem vislumbrar, de forma mais nítida, dois aspectos que se destacam no estado da arte referente aos REA. O primeiro diz respeito à variedade de nomenclaturas empregadas por pesquisadores da área; o segundo, à variedade de definições e tipos de REA.

A nomenclatura variável concernente aos REA é ampla a ponto de dificultar a visualização de um estado da arte mais apropriado. “Recurso educacional”, “material educacional”, “objeto de aprendizagem”, “objeto educacional”, “objeto digital de ensino-aprendizagem” e “material didático digital” são apenas algumas das opções de nomenclatura empregadas para referenciar possíveis REA. Cada uma dessas nomenclaturas pode (ou não) vir acompanhada de adjetivos como “aberto(a)” ou “livre”, o que pode elevar a questão a um grau mais profundo de discussão, pois um “material digital” não necessariamente está “aberto” apenas por estar disponível na internet: este mesmo material pode estar aberto mas de forma não licenciada. E mesmo aquelas definições de recursos/materiais acompanhadas de adjetivos que explicitem algum tipo de “abertura” não isentam que os visitantes e leitores daquele determinado recurso perguntem-se qual tipo de abertura está subjacente ao material em questão. “Posso reusar, redistribuir, adaptar ou fazer outros usos deste recurso?” é uma pergunta cabível se pensarmos que, bem como demonstra Santos (2013), ainda não temos formalizada e de modo explícito ou uniforme a apresentação da abertura com a qual estamos lidando. Temos, evidentemente, as licenças em atribuições da *Creative Commons* (CC), que se dividem nas seguintes categorias:

- CC BY: permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam crédito pela criação original.
- CC BY-SA: permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Esta licença costuma ser comparada com as licenças de *software* livre e de código aberto "copyleft". Todos os trabalhos novos baseados no seu terão a mesma licença, portanto quaisquer trabalhos derivados também permitirão o uso comercial.
- CC BY-ND: permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, com crédito atribuído a você.
- CC BY-NC: permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.
- CC BY-NC-SA: permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam a você o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.
- CC BY-NC-ND: só permitindo que outros façam download dos seus trabalhos e os compartilhem desde que atribuam crédito a você, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais¹¹.

Todavia, nem todos os recursos e materiais fazem uso dessas classificações de CC. De igual forma, muitos repositórios e projetos que se propõem a disponibilizar materiais para professores(as) e estudantes de línguas encontram suas maneiras próprias de lidar com “aberturas”. Neste ponto, concordamos com Santos (2013, p.77), que alega que, para um maior alinhamento com o movimento REA, esses repositórios e essas ações “precisariam adotar uma política mais clara de direitos autorais e reutilização dos recursos”.

¹¹ Informações com base no website brasileiro da *Creative Commons*. Para maiores informações, visite a página <https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt_BR>.

Mostra-se pertinente, em função dos conceitos amalgamados que podemos vislumbrar em publicações disponíveis na web, destacar os OA. A relação entre os OA e os REA se dá possivelmente por alguns ideais de colaboração, compartilhamento e contribuição no processo de ensino e de aprendizagem que tais recursos podem aferir à Educação. Se levarmos em conta que o termo OA é anterior ao conceito de REA, e que este último abarca as características de um OA, mas é essencialmente aberto, podemos pensar no segundo como uma evolução do primeiro, principalmente no tocante às políticas públicas. Isso pode elucidar os 18 resultados obtidos via Google Acadêmico que fazem menção direta aos OA (em seu título) e outros mais de 46 trabalhos que fazem referência aos referidos objetos no conteúdo de seus textos. Entretanto, é notável que a grande maioria dessas publicações não contempla discussões sobre abertura ou licença dos materiais, trazendo uma relação sinonímica geralmente simplista entre REA/OA, onde a afirmação “objetos de aprendizagem, também chamados de recursos educacionais abertos” ainda impera, embora talvez já devesse estar superada, no sentido de ser melhor explanada e com algumas distinções básicas minimamente sinalizadas.

Sobre a variedade de definições e tipos de REA, temos livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, imagens, testes, *softwares* (LIMA, VERSUTI e SILVA, 2015), textos, gráficos, mapas, animações, filmes, músicas, arquivos, wikis e muitas outras opções de recursos que podem servir a fins educacionais e, ainda, estar disponíveis sob licenças abertas. Cursos *online* abertos (e.g. ARAÚJO, 2014) também constam como um “tipo” recorrentemente mencionado de REA na literatura mapeada. Até mesmo histórias em quadrinhos como REA da Web 2.0¹² podem constar na bibliografia da área. Com a Wikipédia¹³ ocorre o mesmo: tal página é mencionada por publicações na web por se tratar de um projeto colaborativo e aberto, que pode ser acessado por todos e cujo conteúdo é disponibilizado sob a licença *Creative Commons BY-SA*.

Retomando as discussões de REA como cursos *online* abertos, é preciso chamar atenção para a incidência de menções aos *Massive Open Online Courses* (MOOC, em português, Cursos *Online* Aberto e Massivo). Os MOOC constam no título de 11 publicações mapeadas na internet, e são mencionados diretamente em pelo menos outros 4 trabalhos. Não consideramos, aqui, os MOOC como REA que podem ser empregados por docentes para mediar o processo de ensino de línguas, objetivo central da pesquisa, mas compreendemos que os referidos cursos são um tipo de REA por sua abertura, e sua contribuição pode dar-se na forma de capacitação de docentes, por exemplo. Nesse sentido, e tendo em vista o volume de trabalhos sobre tais cursos, concordamos que pesquisas futuras podem tratar de MOOC específicos para docentes (e aprendizes) de línguas.

No que concerne aos nomes de autores em destaque na academia, vale expandir o grupo de pesquisadores que abordam a temática REA. É importante acrescentar à lista o nome de Alexandra Okada, pós-doutora pela *Open University* e, atualmente, pesquisadora professora do *Knowledge Media Institute* e coordenadora da comunidade internacional de pesquisa *CoLearn OU-UK*¹⁴. Antes, mencionamos Litto e Amiel como autores que se destacam na área, e as buscas no Google Acadêmico confirmam isso: 4 trabalhos localizados são de autoria de Litto, que é referenciado em outras 2 publicações. De forma semelhante, 2 obras mapeadas são de autoria de Amiel, que é referenciado em outras 2 pesquisas. Não passa despercebido que publicações encontradas em nossas buscas fazem menção a tais obras, mostrando que, mais que produzir sobre REA e EA, Litto e Amiel têm impacto técnico-científico, por contribuírem com pesquisas e produções de outros investigadores. Okada, entretanto, parece sobressair-se, com

¹² Termo geralmente empregado para conceituar uma segunda geração da web, mais colaborativa e interativa.

¹³ Para saber mais, visite: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>.

¹⁴ Para saber mais, visite: <<http://www.open.edu/openlearn/>>.

12 trabalhos localizados de sua autoria e pelo menos outras 8 publicações acadêmicas listando-a entre as referências bibliográficas. Uma rápida visita ao currículo Lattes da autora permite-nos perceber que a leitura de sua vasta produção intelectual, com ênfase em seus livros – a maioria deles disponibilizados de forma aberta em formato e-book (e.g. OKADA, 2014) –, é de grande importância para a compreensão do uso de REA no contexto atual brasileiro.

Parece importante ressaltar que tivemos acesso a um número considerável de Planos Municipais de Educação (PME) que mencionam REA. Como documentações legais e orientadoras do alcance de metas educacionais, os PME de Barra do Jacaré (PR), Brusque (SC), Canabrava do Norte (MT), Chapecó e Magda (SP), dentre outros, sugerem o uso de REA na Educação, mas não aprofundam as discussões, tampouco abordam o ensino de alguma disciplina ou área do saber. Em alguns casos, no máximo o uso de REA pode aparecer atrelado indiretamente ao processo de alfabetização no Ensino Fundamental.

Afunilando para o nosso escopo de pesquisa, passamos a apresentar os trabalhos que se centram especificamente no ensino de línguas. Estes trabalhos foram localizados juntamente a publicações que abarcam, direta ou indiretamente, REA no ensino e a aprendizagem de Matemática, Música, Física, Relações Internacionais, Química, Design e Biologia, dentre outras áreas e subáreas do conhecimento mencionadas nos resultados obtidos via busca no Google Acadêmico.

A começar por trabalhos de língua materna/primeira língua. O primeiro trabalho localizado é de autoria de Pereira, Matte e Cesar (2015) e seu objetivo maior é apresentar o projeto “Português Livre”, também destinado ao compartilhamento de REA. Segundo os autores, mesmo quando o projeto ainda era um blog, em 2008, já constava em sua missão o “compartilhamento de novas propostas de exercícios interativos de Português” com a participação externa: “esperamos também receber informações e notícias”, em que se explicitam os valores de “difusão” e “colaboração” (PEREIRA, MATTE e CESAR, 2015, p.2). Além deste primeiro projeto, um segundo, intitulado Gramática Online, ainda com base nos autores mencionados, também propõe uma inclusão do universo digital às práticas educativas de ensino gramatical. Mas é em um terceiro projeto, iniciado em 2015 e nomeado “Recursos Educacionais Abertos para Leitura e Produção de Textos nas Licenciaturas” (REALPTL), que a perspectiva de REA voltados aos letramentos e multiletramentos está mais bem consolidada. “Esse projeto propõe o estudo e criação de recursos educacionais abertos voltados à formação de professores, tendo como objetivo o desenvolvimento de habilidades e competências em leitura e produção de textos em diferentes práticas sociais” (PEREIRA, MATTE e CESAR, 2015, p.4).

Localizamos, em segundo lugar, o trabalho de Lima, Versuti e Silva (2015), que relata a utilização do jogo *Lost Experience* na aprendizagem de português. Os referidos autores entendem que REA é um conteúdo, que pode estar em diferentes plataformas e ser compartilhado e editado/complementado por qualquer pessoa que tenha interesse no mesmo. Os autores constataram que o aluno é atraído pelo conteúdo do *Lost Experience* através do processo transmidiático e de expansão narrativa presente no jogo. Também apontam que esta experiência engaja o estudante à narrativa, estimulando-o a construir a aprendizagem por meio do trabalho colaborativo, e acrescentam que a referida experiência/estratégia pode ser aplicada, por exemplo, em aulas de produção textual.

Finalmente, ainda consta como trabalho que aborda o ensino de português e que mencionam os REA, embora de forma bastante breve e superficial, a pesquisas de Marquesi e Silveira (2015). Estes comentam o impacto dos novos papéis dos recursos tecnológicos no ensino de língua portuguesa no Ensino Superior. Estes três trabalhos datam de 2015, permitindo-nos interpretar o uso de REA no ensino de português como em fase de ascensão.

Passamos aos trabalhos localizados que abordem os REA para o processo de ensino de LE. Destacamos o trabalho de Siqueira e Tallei (2013), em que é desenvolvida uma análise de um curso básico de E/LE ministrado para estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS). “O curso se realiza na modalidade a distância, na plataforma Moodle” (SIQUEIRA e TALLEI, 2013, p.542) e, por consequência, os REA contribuem de forma substancial ao projeto, por possibilitar a interação, permitindo que todos (tutores e estudantes) trabalhem de forma colaborativa na LE que estão estudando: o espanhol. Ainda sobre o ensino de E/LE, mencionamos o trabalho posterior de Loureiro (2015), que abarca questões de aquisição de espanhol instrumental na Plataforma Moodle, novamente com base em experiências de cursos ministrado pela UFS¹⁵. Estes dois trabalhos, para o grupo de pesquisa *Internet e Ensino de E/LE*, mencionado em páginas anteriores, é de grande valor, considerando nosso interesse particular pelo ensino de E/LE mediado por REA.

No tocante à língua inglesa, o trabalho de Lima e Rodriguez (2014), sobre as dificuldades atuais no ensino de língua inglesa com a inflexibilidade da Lei 9.610, do direito autoral, merece destaque. As autoras defendem que práticas abertas de colaborações e remixagens designam novas práticas pertinentes à utilização do ambiente em rede. Contudo, essas práticas integram, na maioria das vezes, o infringingimento dos direitos de autoria, e concluem que a lei 9.610 é, de certo modo, ignorada. É uma lei em desuso, por pouco refletir os usos contemporâneos que fazemos – professores e alunos – de recursos *online*. Enquanto a lei do direito autoral, 9.610, vigorar em nosso país, professores de língua inglesa e educadores estarão à margem de uma cultura “aprisionada”, cujas aulas continuarão a ser planejadas com obras e recursos sem a devida permissão do autor, ainda que tal prática seja um crime (LIMA e RODRIGUEZ, 2014, p.402). É justamente por esta discussão mais política, perpassada por questões legais e de direitos autorais, que a obra se destaca e contribui na sinalização da posição delicada na qual se encontra o professor de LE.

Quadros (2013) também contribuiu com a popularização dos REA entre professores de línguas ao investigar uma atividade de produção textual em língua portuguesa e inglesa mediada por computadores com estudantes de 7ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública no Rio Grande do Sul a partir da produção de desenhos animados no aplicativo *Go! Animate*. Para o autor, “os recursos tecnológicos disponibilizados no seio escolar permitem a promoção de práticas letradas e do desenvolvimento da aprendizagem” (QUADROS, 2013, p.15). A contribuição é, por um lado, pela apresentação de recursos emergentes talvez ainda desconhecidos por outros professores, e, por outro, pela relação estabelecida entre os REA e os novos letramentos, em destaque atualmente na Linguística Aplicada.

Além destes dois artigos, pelo menos três teses de doutoramento somam-se aos trabalhos que contemplam o ensino de língua inglesa. Isso nos possibilitou complementar a lista de dissertações e teses que abarquem assuntos sobre REA relacionados ao ensino de línguas, uma vez que as buscas no Banco de Teses da CAPES não foram frutíferas como o esperado. Como resultado das buscas *online* via Google Acadêmico, tivemos contato com:

(1) a tese de doutorado de Marzari (2014), do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), que tratou de discorrer sobre o papel e a identidade do professor de língua inglesa no cenário atual da Educação e frente às TIC e REA e demais tecnologias *online* emergentes;

(2) a tese de doutorado de Araújo (2014), pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da USP, intitulada “Educação em tempos digitais: análise de um curso de inglês *online*”. Tal tese, em partes, assemelha-se ao trabalho de Hinckel (2011)

¹⁵ As referências à “Loureiro” e “Siqueira”, cumpre explicar, são referências à uma mesma pesquisadora: Valéria Jane Siqueira Loureiro, que apenas assinou os dois trabalhos mencionados com sobrenomes distintos.

no que concerne à análise do discurso dos estudantes do curso de inglês relatado no texto. Assim, não é um trabalho que, de fato, pense o ensino de línguas mediado por REA, ainda que ancorada teoricamente em alguns pressupostos teóricos da EA e fazendo menção aos recursos;

(3) a tese de doutorado de Santos (2014), também do PPGL da UCPel, que relata o processo de desenvolvimento e implementação de uma webquest interativa e adaptativa voltada ao contexto de uma turma do sexto semestre de um curso de graduação em Letras Inglês. Uma webquest é, em poucas palavras, uma atividade orientada de investigação na web, daí seu nome em inglês. Ao elaborar um recurso didático *online* que pode ser adaptado, modificado e reusado por outros professores de línguas, a autora (SANTOS, 2014) nos permite interpretar uma webquest como REA.

Não foram localizados artigos, dissertações e teses que abarquem LE como italiano, alemão e outras. No máximo, localizamos um artigo destinado à apresentação de um panorama da Revolução Francesa a partir de uma combinação entre filmes e livros dedicados ao tema. Contudo, o estudo não trata especificamente de REA ou ensino de língua francesa.

Sem adentrar a questão da (in)visibilidade da LIBRAS enquanto língua materna/estrangeira (mas indiscutivelmente oficial) no contexto brasileiro, é importante referenciar dois trabalhos que fazem alusão direta ao ensino da mesma com relação ao uso de REA ou a contribuição de tais recursos na aprendizagem de ouvintes e surdos. Os dois trabalhos são de autoria de Romário Antunes da Silva. O primeiro é sua dissertação de mestrado (SILVA, 2011), do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O segundo trabalho, provavelmente uma extensão do primeiro, com coautoria de Rosângela Schwarz Rodrigues (SILVA e RODRIGUES, 2013), discute as características que um repositório educacional aberto deve apresentar para atender as necessidade de informação dos alunos surdos e ouvintes do curso Letras LIBRAS na modalidade a distância da UFSC. É pertinente a inclusão da LIBRAS no estado da arte de REA para o ensino de línguas posto que a referida língua tem, aos poucos, deixado de “pertencer” unicamente ao campo da Educação Especial, se fazendo notar na área da Linguística Aplicada (ver, por exemplo, PAIVA, SILVA e GOMES, 2009).

As publicações localizadas e apresentadas previamente compartilham de datas de publicações assemelhadas. São trabalhos publicados nos últimos 4 anos, sendo a maioria pesquisas publicadas no ano corrente: 2015. Logo, percebe-se que o uso de REA no campo da Linguística Aplicada ainda se encontra em fase germinal. Os relatos de professores de línguas são recentes, o que pode indicar, em um futuro não muito distante, uma maior adesão por parte de docentes, linguistas e estudantes em geral às práticas abertas e colaborativas, fesse que novos trabalhos e pesquisas envolvendo REA continuem sendo realizados.

Os REA estarem atrelados a diferentes línguas, materna(s) e estrangeiras, é um ponto positivo, pois demonstra uma coerência com a própria proposta da EA: se limitado à experiências de língua inglesa apenas, pensando hipoteticamente por ser esta a língua com maior visibilidade no universo acadêmico em geral, o uso de REA não teria o impacto almejado por seus propositores. Seria apenas mais uma tentativa legítima de proposta de melhoria prática e teórica na vida de um professor. Mas seria uma tentativa incapaz de abranger um contexto amplo, inerente a outras línguas, por exemplo. Felizmente, este não parece ser o caso dos REA que, embora mencionado em poucos trabalhos, já emerge em publicações de linguistas aplicados e professores também de português, espanhol e LIBRAS.

O mesmo vale para a multiplicidade de contextos e situações de mediação do processo de ensino de línguas mediado pelos recursos em questão. Temos relatos envolvendo experiências com REA voltados para o ensino de línguas em situações de ensino comunicativo, ensino instrumental, na modalidade Educação a Distância (EaD), na modalidade presencial, para o Ensino Fundamental, para o Ensino Médio, para o Ensino Superior, cursos de extensão

etc. Uma vez mais, a variedade de contextos é interpretada de forma positiva, pois faz parte do movimento por uma EA (AMIÉL, 2012) não apenas o uso dos REA por si só, mas sim toda uma infinidade de práticas e epistemologias abertas, que abarcam também o compartilhamento de vivências, experiências e informações que contribuam com o trabalho docente do professor de línguas em múltiplos contextos.

Eis aí, então, a possível grande contribuição deste primeiro desenho de um estado da arte voltado ao campo da Linguística Aplicada. Mesmo com um número não muito vasto de publicações e trabalhos na área, este estado da arte pode servir para sinalizar ao professor de línguas que ele não está sozinho no mundo, e que algumas ações e experiências envolvendo o uso de REA, ainda que insipientes, já estão acontecendo no Brasil. Como é próprio do movimento para uma EA, a ideia de não necessariamente “reinventar a roda” e começar do zero, mas sim de colaborar e compartilhar pesquisas e relatos de experiência envolvendo recursos abertos para o ensino de línguas, pode beneficiar a todos. As publicações de pesquisas envolvendo a produção, o compartilhamento e o (re)uso de REA pode contribuir com o professor de línguas no sentido de indicar a ele o que já está acontecendo e ajudá-lo a vislumbrar de maneira mais efetiva caminhos já trilhados e outros ainda a trilhar.

Considerações finais

Com o estado da arte sobre os REA na área da Linguística Aplicada, tivemos por objetivo contribuir com a popularização da revisão de literatura sobre o tema, considerando que, para Santos (2013, p.69), o conceito de REA no país ainda requer ampla divulgação e ações práticas de implementação pelo governo e pelos setores da sociedade, para que se possa aproveitar devidamente seu potencial no apoio ao alcance das metas nacionais para a educação.

A partir dos trabalhos e pesquisas de linguistas aplicados e professores de língua materna, segundas línguas e LE, como português, espanhol, inglês e LIBRAS, podemos entender que o movimento nacional por uma EA já começou e perpassa também a Linguística Aplicada, embora ainda em fase inicial. Isto se comprova inclusive pelas datas de publicações dos trabalhos que abordam REA no ensino de línguas: as investigações mapeadas na web datam de 2011, 2012, 2013, 2014 ou 2015. Tendo em vista os repositórios e projetos de materiais abertos disponíveis, como aqueles listados e apresentados por Santos (2013), podemos pensar que temos, atualmente, mais prática que teoria. Tal teoria, contudo, começa gradualmente a ser debatida em artigos e outras formas de redação acadêmica.

Não localizamos artigos sobre REA publicados em periódicos de renome da área de Letras/Linguística. De igual forma, não negamos que ainda é preciso de maior adesão por parte de Programas de Pós-Graduação em Letras, para fins de publicações de pesquisas em nível de mestrado e doutorado. Mas, na internet, relatos de experiências e pesquisas que abarquem o ensino de línguas mediado por REA já começam a se fazer notar. São poucos trabalhos, e também recentes, mas que fazem a frente em um possível movimento de publicações de experiências com os recursos em questão.

A impossibilidade de um desenho mais preciso, com traços mais definidos, do estado da arte dos REA no Brasil, pode estar atrelada a questões de nomenclatura, vale frisar. A variedade de nomes e, conseqüentemente, de conceitos de REA dificulta de forma notória o entendimento do estado do conhecimento do que já temos até o presente. Ainda assim, é possível notar que as iniciativas com caráter de REA estão em sinergia no sentido de apresentarem subjacentes a suas propostas ideias de compartilhamento, abertura e colaboração. Destarte, “conteúdos digitais”, “OA”, “materiais digitais” e outros recursos podem vir a tornar-

se REA, desde que seja atendida sua exigência essencial: a disponibilização do conteúdo mediante licenças abertas.

Ainda, fazendo uso das palavras de Santos (2013, p.78), “o Brasil precisa explorar mais possibilidades de desenvolvimento das suas experiências atuais com REA e conteúdos digitais abertos”. Dentre tais possibilidades, defendemos a publicação de pesquisas acadêmicas e relatos de experiência envolvendo o uso dos referidos recursos no ensino de línguas, nosso escopo principal aqui. Partimos do pressuposto que muitas ações de REA, ou ações com recursos abertos, já estão em andamento, embora talvez não estejam devidamente registradas na forma de pesquisas e publicadas na internet para apreciação de investigadores interessados no tema. Nesse viés, os resultados indicam a necessidade de maior fomento de publicações de artigos, dissertações e teses sobre experiências de uso de REA por parte de professores de línguas.

Contributing to the state of the art about Open Educational Resources for language teaching and learning in Brazil

ABSTRACT: The aim of this study is to investigate the state of the art about Open Educational Resources (OERs) in Brazil, so as to contemplate and grant more visibility to academic publications (articles, dissertations and theses) which are related to the Applied Linguistics field and involve the use of OERs in language teaching. With the theoretic support of studies on Open Education, we searched the doctoral dissertation data bank on the Coordination for the Improvement of Higher Education (CAPES), Brazilian journals on Linguistics and the internet. The results suggest the need for a more incisive support for publications and experience reports on the use of OERs in language teaching.

Keywords: Open Educational Resources; Applied Linguistics; State of the Art.

Referências

AMIEL, T. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. de L. (Org.). *Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas*. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. p. 17-33.

ARAÚJO, C. E. B. de. *Educação em tempos digitais: análise de um curso de inglês online*. 2014. 189f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

CAVÉQUIA, M. A. P. *Livro didático de língua portuguesa: dizeres dos professores*. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Centro de Comunicação, Educação e Artes, Universidade Estadual de Londrina. Paraná, 2011.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FIALHO, V. R.; COSTA, A. R.; BEVILÁQUA, A. F. O estado da arte sobre estudos relacionados a Objetos de Aprendizagem em anais de eventos no Brasil. *Entremeios*, Pouso Alegre, v. 9, p. 1-9, jul. 2014.

GOMES, A. F. COSTA, A. R.; FIALHO, V. R.; SANTOS, L. H. dos. Uma análise da produção de teses e dissertações sobre Objetos de Aprendizagem na área de Linguística e Letras. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia, v. 6, n. 2, p. 150-169, jul./dez. 2012.

HILTON, J.; JOHNSON, A.; STEIN, J.; WILEY, D. The four R's of openness and ALMS analysis: Frameworks for Open Educational Resources. *Open Learning: The Journal of Open and Distance Learning*, v. 25, n. 1, p. 37-44, 2010.

HINCKEL, N. C. *Os recursos educacionais abertos e a materialização do sujeito leitor aprendente no projeto Openlearn da Open University*. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

KUMARAVADIVELU, B. TESOL methods: changing tracks, challenging trends. *TESOL Quarterly*, v. 40, n. 1, p. 59-81, 2006.

LEFFA, V. J. Nem tudo o que balança cai: Objetos de Aprendizagem no ensino de línguas. *Polifonia*, Cuiabá, v. 12, n. 2, p.15-45, jul./dez. 2006.

LIMA, S. C.; LIMA-NETO, V. Panorama das Pesquisas sobre letramento digital no Brasil: principais tendências. In: ARAÚJO, J. C.; DIED, M. (Org.). *Letramentos na web: gêneros, Interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 47- 57.

LIMA, D. J.; VERSUTI, A. C.; SILVA, D. D. A. A utilização da estratégia do jogo *The Lost Experience* como metodologia na Educação. *Razón y Palabra*, v. 89, p. 1-15, mar./mai. 2015.

LITTO, F. M. A nova ecologia do conhecimento: conteúdo aberto, aprendizagem e desenvolvimento. *Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 60-65, abr./set. 2006.

LOUREIRO, V. J. S. A aquisição do Espanhol Instrumental na plataforma Moodle. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*, Belo Horizonte, vol. 4, n. 1, 2015. Disponível em <<http://evidosol.textolivre.org/papers/2015/upload/3.pdf>>. Acesso em 10 set. 2015.

MARQUESI, S. C.; SILVEIRA, I. F. Tecnologias da Informação e Comunicação como Suporte à Aprendizagem Ativa de Língua Portuguesa no Ensino Superior. *Revista Linha D'Água*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 137-154, jan./jul. 2015.

MARZARI, G. Q. "Quem me ensinou o inglês que eu ensino?": a influência das tecnologias digitais na constituição da identidade do professor de línguas do século XXI. 228f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2014.

NEVES, S. L. G. *Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de Língua Brasileira de Sinais para ouvintes*. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 2011.

OKADA, A. *Recursos Educacionais Abertos & redes sociais*. São Luís: EDUEMA, 2014.

QUADROS, G. B. F. As práticas de leitura e escrita em língua estrangeira e materna na escola: um olhar sob a perspectiva dos letramentos digitais. 2013. Disponível em <<http://evidosol.textolivre.org/papers/2013/upload/19.pdf>>. Acesso em 10 set. 2015.

PAIVA, V. L. M. de O. e. Internet e sistemas de busca: ampliando o universo de professores e aprendizes de língua inglesa. In: MACIEL, R. F.; ARAUJO, V. A. (Org.). *Ensino da Língua Inglesa: contribuições da Linguística Aplicada*. Campo Grande: Editora UNAES, 2008. p. 43-58. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/publicacoes.html>>. Acesso em 10 abr. 2015.

PAIVA, V. L. M. de O. e.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/linaplic.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2014.

PEREIRA, D. R. M.; MATTE, A. C. F.; CESAR, D. R. Português Livre em transição: ensino e aprendizagem na rede. *Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*, Belo Horizonte, vol. 4, n. 1, 2015. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/8418>. Acesso em 11 set. 2015.

PINTO, C. M. *Metanálise qualitativa de investigação brasileira sobre letramento digital na formação de professores de línguas*. 2015. 169f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2015.

REIS, S. C. dos. As tendências teóricas em estudos de CALL no Brasil: identificando o estado da arte. In: VIII ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL (CELSUL), 2008, Porto Alegre. *Anais...* EDUCAT, 2008. Disponível em <http://www.celsul.org.br/Encontros/08/estudos_de_call.pdf>. Acesso em 29 abr. 2015.

SANTOS, A. I. dos. *Open Educational Resources in Brazil: State of the Art, Challenges and Prospects for Development and Innovation*. Moscow. UNESCO. 2011.

SANTOS, A. I. dos. *Recursos Educacionais Abertos no Brasil: o estado da arte, desafios e perspectivas para o desenvolvimento e inovação*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013.

SANTOS, C. G. *O desenvolvimento e a implementação de uma Webquest interativa e adaptativa destinada ao ensino de línguas*. 2014. 274f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2014.

SIQUEIRA, V. J. L.; TALLEI, J. I.; A plataforma Moodle e os recursos educativos: uma proposta para o ensino de LE. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, Sergipe, v. VII, p. 533-546, jan./jun. 2013.

SILVA, R. A. *Usuários de Língua Brasileira de Sinais: perspectivas para repositório educacional aberto*. 2011, 186f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SILVA, R. A.; RODRIGUES, R. S. Características de repositório educacional aberto para usuários de língua brasileira de sinais. *TransInformação*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 65-79, jan./abr. 2013.

UNESCO. Declaração REA de Paris, 2012. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/WPFD2009/Portuguese_Declaration.html>. Acesso em 30 de maio 2015.

VETROMILLE-CASTRO, R.; MOOR, A. M.; DUARTE, G. B.; SEDREZ, N. H. Objetos de Aprendizagem de Línguas: uma proposta. In: VETROMILLE-CASTRO, R.; HEEMANN, C.; FIALHO, V. R. (Org.). *Aprendizagem de Línguas - a Presença na Ausência: CALL, Atividade e Complexidade*. Pelotas: Educat. 2012. p. 241-256.

WILEY, D. A. Connecting Learning Objects to instructional design theory: a definition, a metaphor, and a taxonomy. In: WILEY, D. A. (Org.). *The Instructional Use of Learning Objects*. 2000. Disponível em: <<http://www.reusability.org/read/>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

Data de envio: 31/10/2015.

Data de aceite: 24/05/2016.

Data da publicação: 15/08/2016.